

12. Deus, salvação da minha face

Vimos que o salmo 41 repete duas vezes um refrão que é retomado também no salmo 42, que originalmente formava uma só coisa com o 41:

“Por que te entristeces, minha alma, e te inquietas dentro de mim? Espera em Deus, eu ainda o louvarei, a salvação da minha face e meu Deus!” (Sl 41, 6.12; 42, 5).

A pessoa sente toda a inconsistência da sua alma, uma tristeza que agita o coração, uma inquietação que não sabe de onde vem e para onde vai, uma fragilidade que torna tudo ansioso e inconsistente, agitado, temeroso, não livre. Mas acontece ao menos um vislumbre, e sobretudo um encontro, que dissipa as nuvens e faz esperar em Deus como no sol que se levanta por detrás das nuvens. E, então, o coração se abre à renovada possibilidade de louvar a Deus, de agradecer-lhe, de cantar a sua salvação em vez de permanecer oprimido pelo lamento sobre si mesmo e sobre a própria situação. Então compreendemos, ou pelo menos intuimos, que estar disposto a permanecer na pertença ao Senhor, precisamente em seu abraço que nos constitui, que permanecer no “meu Deus”, salva a nossa face, salva e constitui a nossa pessoa. Melhor ainda: a salvação da nossa face, daquilo que somos em nós mesmos e em relação com todos e com tudo, reconhecemo-la ligada à pertença ao Senhor, ao sermos Seus, ao sermos abraçados por Ele.

E esta é uma esperança transbordante de gratidão: “Espera em Deus, eu ainda o louvarei!”. Esperar em Deus quer dizer reconhecer que sermos Seus salva a nossa pessoa, a face da nossa pessoa, isto é, aquilo que nos identifica e que nos põe em relação com os outros. Sermos de Deus nos salva no nosso “eu” feito para ser único e, contudo, em relação. O rosto nos identifica, é único, mas nos identifica na medida em que nos permite olhar, falar, dispor os lábios ao sorriso ou à tristeza, exprimir na nossa fronte calma, indignação, severidade ou estupor. O meu rosto não é somente a aparência do meu eu, mas a sua *manifestação*, a sua transparência. Um rosto não é bonito quando se faz olhar, mas pelo modo como olha. O rosto não é um objeto, mas a manifestação de uma personalidade, de um eu querido e amado para amar.

É justamente isto que Deus quer salvar em nós. É nesta salvação que podemos esperar, é esta salvação que nos abre ao louvor de Deus: “eu ainda o louvarei”.

Este verdadeiro rosto pode expressar-se mesmo quando a doença, ou, como em Crans Montana, o fogo, destrói o rosto físico de uma pessoa. O rosto mais belo que eu já vi na minha vida foi o de um menino, Matteo, absolutamente deformado, que encontrei anos atrás. Porque foi um rosto que, sem olhos, sem boca, sem orelhas, sem nada, me expressou uma capacidade de encontro, de alegria de encontrar-me, de encontrar a todos, que eu nunca vi em ninguém. Era um rosto no qual aflorava diretamente o coração, e um coração no qual, com evidência, habitava Cristo.

“Espera em Deus, eu ainda o louvarei, a salvação da minha face e meu Deus!”

Imaginem se, para resolver todos os nossos problemas, pessoais, comunitários, eclesiais, ecumênicos, mundiais, partíssemos daqui, desta esperança, desta verdade de relação conosco mesmos e com todos que consiste em permitir a Deus salvar a nossa face de toda falsidade e máscara, de toda negatividade do olhar sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre tudo e sobre todos, também sobre Deus.

São Bento, na Regra, retorna várias vezes à importância do olhar que temos uns sobre os outros. Por exemplo, pede aos monges que peçam humildemente perdão aos anciãos que lhes mostram um rosto irritado, a fim de que a irritação se transforme em bênção (cf. RB 71, 7-8). Mesmo quando pede para “não conceder paz simulada” (RB 4, 25), ensina-nos a não apresentar um rosto hipócrita diante dos irmãos.

Na experiência humana, o verdadeiro mal, no fundo, não começou a se manifestar com o pecado original, mas quando Caim lançou um olhar hostil a seu irmão Abel.

“Ora, o Senhor agradou-se de Abel e de sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda, e Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido. O Senhor disse a Caim: ‘Por que estás irritado e por que teu rosto está abatido? Se ages bem, não deverias acaso levantar a cabeça? Mas, se procedes mal, o pecado jaz à porta, espreitando-te; e tu deverás dominá-lo’. Entretanto Caim disse a seu irmão Abel: ‘Saíamos’. E, como estavam no campo, Caim levantou a mão contra seu irmão Abel e o matou” (Gn 4, 4b-8).

A mentira que a serpente insinuou no coração e na mente de Adão e Eva, com Caim torna-se um princípio de falsidade que, do coração, contamina todas as relações, consigo mesmo, com os outros, com Deus. Guiado por esta mentira, Caim perde o contato com a verdade de si e de tudo, e isto gera ódio e violência. Como é evidente hoje, mesmo em nível mundial, que o mal que pode chegar a destruir inteiras cidades e povos, e que poderia destruir toda a humanidade, nasce e se alimenta sempre da mentira de rostos abatidos por uma falsa concepção de si e, portanto, dos outros!

Neste episódio, o protagonista é, no fundo, o rosto de Caim que, dominado pela inveja e pelo ódio do seu coração, se torna “abatido”, como que caído ou lançado para baixo, por terra. Já não se eleva mais no desejo, no olhar voltado para as estrelas, para o céu, para Deus. Está dobrado sobre si mesmo, sobre o seu eu irado e frustrado. Fecha-se porque não vê senão a si mesmo. Já não quer mais ver o outro; e, de fato, tira-o do caminho, elimina-o, não somente quando o mata, mas já quando se fecha à relação fraterna com ele.

Deus lhe “lança em face” o estado do seu rosto, como se lhe pusesse um espelho diante, dizendo-lhe: “Olha que rosto triste e emburrado tens! Por que o manténs abatido, curvado sobre ti mesmo? Se ages bem, se estás voltado para o bem, poderias mantê-lo erguido!”

A altura do rosto humano é determinada pelo olhar, pela direção do olhar. Se olho para o céu, o meu rosto está alto, não está abatido. Se volto o olhar do coração para Deus, o meu rosto está alto, altíssimo, a ponto de alcançar Deus, de ver Deus. Mas também quando olho para o meu irmão ou irmã com benevolência, com gratidão, com um sorriso, com aprovação, com estima, reconhecendo o seu valor, a sua verdadeira beleza, aquela do coração, do bem que faz, da dor que suporta, o meu rosto está alto, não está abatido.